

**RESENHAS/*REVIEWS***

## MARXISMO E LITERATURA

*Maria Célia LEONEL<sup>1</sup>*

O título *As Artes da Palavra* e o subtítulo *elementos para uma poética marxista* indicam objetivamente a direção do livro: um modo marxista de refletir sobre as diferentes formas da literatura. Como não poderia deixar de ser, o crítico marxista Leandro Konder trata do realismo, mas alarga o conceito a ponto de nele introduzir a poesia de Fernando Pessoa. Aliás, a nosso ver, é nessa tentativa de incluir o poeta português na estética realista que se situa o problema do livro, como mostramos no final desta resenha. Todavia, se, como marxista convicto, não foge a seus pontos de vista, muitas vezes, descarta a ortodoxia, examinando os temas que propõe com a mente muito aberta. Ademais, no livro todo, reflexões sobre assuntos fundamentais são apresentadas de maneira simples, o que não significa superficialmente. Tome-se como exemplo o que diz sobre os limites da teoria e sobre sua importância:

Aplicada às obras literárias, a teoria se flexibiliza, não tanto pelas pressões geradas por um descontentamento em relação à dureza da ortodoxia, ou por força da tentação do ecletismo, mas em virtude do próprio desafio da criação literária, que nunca se deixa reduzir a explicações.

O reconhecimento da inesgotabilidade da obra de arte, contudo, não é um argumento contra a teoria. Desde que seja capaz de se autolimitar, a teoria tem bons motivos para se orgulhar de sua função – essencial – na construção de um quadro de referências cada vez mais rico, para ajudar a nos conhecermos melhor, para ajudar a compreender melhor o que fazemos (a práxis). (KONDER, 2005, p. 32).

Desse modo, é elaborado todo o texto, que é bastante didático, esclarecedor e agradável para iniciantes e iniciados. O tom às vezes é coloquial, havendo mesmo repetição em alguns momentos. Significativa, insistimos, é a capacidade do autor de lidar com questões complexas de maneira clara.

O livro tem duas partes. A primeira discute os gêneros literários, com os subtítulos “Para ler poesia”, romances, teatro, ensaios, crônicas e cartas. A segunda parte diz respeito a questões de ordem estética e crítica. Na verdade, a primeira é uma introdução a problemas de ordem estética.

---

<sup>1</sup> Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil.

Na primeira, aquele leitor desavisado que, de críticos marxistas leu estudos sobre o romance realista, pode surpreender-se com a lucidez e pertinência com que reflete sobre a poesia. Aliás, o fato de começar por ela já chama a atenção. O capítulo inicia-se com a pergunta: “Por que, atualmente, quase não se lê poesia?” (KONDER, 2005, p. 13), a que se poderia acrescentar: por que, sobretudo no Brasil, acontece isso? Em Portugal, por exemplo, lê-se e edita-se muita poesia. Para os que dela fogem, Leandro Konder escreve que ela pode fazer com que os homens se conheçam melhor e inventem a si mesmos e, com Merquior, acrescenta que a poesia transforma temas em problemas. O fato de as pessoas não se interessarem por poesia pode ter relação com o exagero de expectativas sobre a mesma, como supor que ela tenha o dom de solucionar problemas de modo mágico, quando, na verdade, ela os apresenta.

Na discussão sobre a poesia, o autor não deixa de levantar uma consideração ligada ao mercado: como o poeta só diz o que interessa aos outros quando o que diz tem universalidade, na poesia lírica fala um “eu” que “Não é o pequeno eu do consumidor voraz, inflado pela exaltação que lhe fazem as empresas de publicidade.” (KONDER, 2005, p. 17)

Para refletir sobre o romance, retoma conceitos de Bakhtin como a polifonia e, naturalmente, trata de sua relação com a epopéia, a partir de Lukács. Assim, no mundo contingente do romance, os indivíduos são vistos como problemáticos.

O teatro é apresentado em sua evolução, partindo da Grécia antiga, passando por Shakespeare e chegando aos séculos XIX e XX. Para traçar esse panorama, lança mão dos conceitos de Peter Szondi.

Quanto ao ensaio, Leandro Konder menciona a perda de nitidez do conceito, que foi se afastando do sentido que teve em Montaigne de forma a equivaler a tratado, o que se relaciona com sua situação paradoxal: não se fecha em princípios, mas também não é o espaço da imaginação criadora.

Ao tratar da crônica, como em todos os itens, apresenta uma definição - “[...] pequeno conto de enredo indefinido, ou o comentário que se faz a respeito de um episódio vivido ou imaginado” (KONDER, 2005, p. 46) - que depois se amplia, com a inclusão, nesse gênero menor, de “certa molecagem afetuosa” bem como da “irritação divertida”, da “melancolia graciosa”, da “auto-ironia”. Lembra ainda que, sobretudo, a crônica não pode ser “chata”.

Já, a nosso ver, a parte mais importante da discussão sobre as cartas é aquela acerca da inclusão ou não da produção de entretenimento na literatura. Para o crítico marxista, a amplitude da literatura “[...] abrange todas as experiências de comunicação e expressão por meio da palavra” (KONDER, 2005, p.53), como as cartas. Ele considera a existência de níveis diferentes na produção literária, indo

de textos agradáveis, ““jornalísticos”” às grandes obras de arte, evitando o erro de Adorno e Horkheimer ao desqualificarem o entretenimento, ponto sobre o qual volta a insistir no livro.

As reflexões da primeira parte preparam a segunda sobre o realismo. A questão “Toda grande arte é realista?” (KONDER, 2005, p.59), inicialmente proposta, parte de uma perspectiva ontológica (hegeliana) que tem o ser como fundamento e não o conhecimento (perspectiva kantiana), pois, “Se a construção de conhecimento se afasta da realidade e de suas contradições, ela não tem interesse e vai logo se dissipar.” (KONDER, 2005, p. 60).

Leandro Konder acompanha-se de Lukács, como não poderia deixar de ser, para a investigação em pauta. Retoma também Ernst Fisher, para quem, com o trabalho, surge a oposição sujeito/objeto.

No item seguinte, cuida do desacerto dos artistas que pode estar na inclusão de convicções políticas ou religiosas não bem assimiladas esteticamente na obra de arte, no exagero ao evitar a contaminação da criação artística por parte do mundo exterior, na subestimação do individual. Quanto à última questão, lembra o sentido de rebeldia de Antígona, um “tipo” como querem Engels e Lukács. Ademais, a arte vista como práxis precisa buscar o novo.

À pergunta sobre o que seria o real da literatura realista, responde ser o real “[...] alterado pela interferência do artista” (KONDER, 2005, p. 65), em especial, para agradar o leitor. Cabe aqui nossa indagação: não seria essa condição própria de qualquer obra?

O autor insiste, nessa segunda parte, na importância da questão estética para a valorização da obra, de que os marxistas têm se esquivado. Marx, por sua vez, não se esquivou do problema, mas tratou-o de modo “simplista”. Reitera, também, a necessidade de estabelecer diferença entre grande arte e arte popular, mas lembra que é preciso ter a primeira em conta para fazer “justiça à genialidade dos maiores artistas da humanidade.” Podemos, de nossa parte, acrescentar que a genialidade deles é que nos dá parâmetros para a avaliação da qualidade das obras de modo geral, permitindo seu escalonamento de acordo com o que, de fato, importa na arte, sendo essa a maneira de fazer justiça aos melhores artistas.

Ao tratar do realismo como período histórico e num sentido mais abrangente, Leandro Konder recorda que a concepção de Flaubert e Zola não é a de Lukács, de quem afirma não ter mais o papel que desfrutou, mas cujo pensamento continua a ser importante como a defesa da relação entre ética e estética. Por sua vez, os dois escritores franceses não teriam levado em consideração a diferença entre essência e aparência. A práxis está relacionada com a busca da essência, mas a aparência é

necessária para que a essência se faça ver. O artista deve procurar a totalidade, para ter acesso ao “real”, “ideal do realismo”.

Como se espera, o crítico cuida do realismo nos romances de Balzac, ressaltando suas qualidades e tropeços. A grande descoberta do escritor francês – fora a de retomar personagens em todas as obras – foi a construção de personagens tipificados, que, ao mesmo tempo, tivessem identidade pessoal e fossem também ““historicizados””, tendo como resultado – poderíamos dizer, como efeito - a impressão de autonomia. Mesmo sendo monarquista e não tendo simpatia pelo socialismo, Balzac mostra a burguesia como desprovida de valores morais. Além disso, preocupa-se com a condição feminina. Leandro Konder resume enredos para evidenciar como Balzac denuncia a burguesia e ocupa-se com as mulheres e ainda para ressaltar a “honestidade intelectual” do escritor que revela tudo o que Marx procurava desmistificar.

Já ao tratar de Fernando Pessoa, o autor traz o conceito de realismo, tomando como pressuposto o que dizia Lukács: toda grande arte é realista, noção que não é discutida. Com essa maneira de ver, assegura, circularmente: “uma coisa, porém, é certa: se toda grande arte é realista, então a poesia de Fernando Pessoa é realista.” Ademais, afirma que nas grandes obras uma determinada realidade é apresentada como ““totalidade intensiva””, revelada na essência e percebida como universal e singular.

Para o crítico, todavia, no caso de Fernando Pessoa, o conceito de realismo não é o mesmo, assertiva que causa estranheza, visto que, se, a cada caso, tomamos um novo conceito ou mesmo modificamos conceitos originalmente propostos, podemos enquadrar todo e qualquer escritor na literatura realista. De todo modo, a essência da realidade nesse poeta seria a percepção da “crise do pensamento individualista e rebelde” (KONDER, 2005, p. 99). Há, portanto, uma grande mudança no conceito que passa a ser “a crise ética”. Assim sendo, Fernando Pessoa, pessimista radical, exprime “negativamente a essência da realidade”. Leandro Konder diz, sintomaticamente, que talvez o poeta “[...] tenha posto o realismo de cabeça para baixo” (KONDER, 2005, p.101). Para finalizar o livro, revela uma experiência pessoal: à leitura de cada poema, o negativismo dava lugar à rebeldia individual que, mudando de sentido, levava à necessidade de luta. E se pergunta, também sintomaticamente, se a beleza dos versos ligar-se-ia ao realismo.

Se devemos reconhecer a importância da tentativa de pensar o realismo na poesia não de um Ferreira Gullar, por exemplo, mas na de Fernando Pessoa, é mister verificar que tal intenção mostra-se bastante problemática e a base do problema é justamente a idéia de que toda grande obra de arte é realista.

Não obstante qualquer ressalva que se possa fazer ao livro, *As Artes da Palavra* é um trabalho instigante, que discute questões fundamentais da literatura. Com sua

vasta cultura, Leandro Konder, de forma clara, didática e aberta, sem abrir mão de determinadas concepções, levanta elementos cruciais para uma reflexão sobre a literatura e suas implicações para o ser social.

KONDER, L. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005. 112 p. (Marxismo e literatura).